

QUIXOTE*

Silvio Duncan**

Raymundo Faoro***

Paulo Hecker Filho****

“Vamos fazer uma barbaridade”

— UNAMUNO

Esta Revista não é um movimento, mas uma tentativa. Uma tentativa de itinerário que corporifica um anseio de libertação. Um movimento não se cria nem se impõe, tem o momento exato de aparecer e influir nos destinos de uma geração. Porque então o Quixote? Porque existe entre os novos um certo número de preocupações e ideais que não encontrariam expressão adequada e autêntica nos quadros intelectuais existentes. Tal desencontro cria a necessidade de um órgão próprio, destinado a dar consciência de geração a esses moços que, por caminhos diversos, encontraram as mesmas inquietudes e as mesmas indagações. Que preocupações são essas, que irmanam os componentes da nova geração do Rio Grande? Será algo informe, indefinido ainda em toda a sua extensão e significado, mas que dá ao seu esforço uma unidade de propósitos que a identifica consigo mesma, a despeito da heterogeneidade de tendências que nela se verifica.

O que nos une é a consciência de possibilidades que vem das raízes da nossa formação e do nosso destino americano, que ainda não foram vislumbradas nem aproveitadas em seu pleno significado. Não se trata do repúdio simplista de todo um passado. Investe-se é contra o marasmo e suficiência, contra a falta de influxo criador autêntico na geração que ora detém a liderança intelectual. Enquanto a literatura pura entra em falência, em toda parte, o Rio Grande intelectual ainda se compraz no culto anatoleano da forma... Não são mais os problemas intrinsecamente literários que sollicitam a inteligência, neste após-guerra. O que vimos nestes últimos anos, inclusive no Brasil, foi a integração da literatura num plano cultural mais vasto, que incorpora os valores religiosos, metafísicos e sociológicos. O romance se deixa penetrar do espírito de reivindicação social, transformando-se amiúde em arma política; o moderno movimento existencialista vai buscar na religião o conceito e o sentimento de angústia; o próprio direito abandona o tecnicismo, para extrair do folclore elementos

* Originalmente publicado em: DUNCAN, Silvio; FAORO, Raymundo; HECKER FILHO, Paulo. Quixote. *Revista Quixote*, Porto Alegre, v. 1, p. 1, 1947. Trata-se do Editorial da primeira edição da *Revista Quixote* (1947-1952). Material digitalizado por meio do Projeto de Extensão *Digitalização e Divulgação de Revistas de Graduandos da Faculdade de Direito* (cadastrado sob o número 32820). Para referenciar este escrito: DUNCAN, Silvio; FAORO, Raymundo; HECKER FILHO, Paulo. Quixote. *Res Severa Verum Gaudium*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 9-11, abr. 2018.

** À época, Secretário da *Revista Quixote*.

*** À época, Secretário da *Revista Quixote*.

**** À época, Redator-Chefe da *Revista Quixote*.

de humanização e renovação.

Este novo espírito que informa as mais autênticas criações da inteligência moderna, que já se faz pressentir no Brasil em alguns escritores de exceção, está longe de haver chegado até nós. Continuamos, na Província, completamente à margem do momento que o mundo e o resto do país está vivendo. Neste sentido se pode dizer que os homens de duas gerações atrás foram mais representativos de seu momento e da sua gente que os atuais. Isto porque não se pode deixar de levar em conta as limitações de toda ordem com que aqueles tiveram de lutar para a realização de sua obra, o que já não acontece hoje, em face do crescente intercâmbio intelectual que se verifica na Província, cada vez mais ligada pelo pensamento aos demais núcleos culturais do país. O mais que se fez até agora foi adotar uma atitude passiva em face do passado - como se este pudesse, por si só, compensar a nossa impotência criadora. A verdade é que ainda estamos longe de haver atingido a nossa fase de plenitude, e os homens de hoje de portam como se já tivéssemos feito o melhor, e só nos restasse viver do prolongamento das criações que ficaram.

A essa concepção estativa do passado queremos opor a sua valorização dinâmica. Trata-se de buscar no seu fundo os elementos vivos com que possamos criar o presente, guardando as suas linhas originais por tanto tempo esquecidas. É pela aplicação desse critério que o Quixote se propor realizar a sua função cultural em nosso meio. Não nos contentamos com o papel subalterno de zeladores de museus e relíquias históricas. Queremos imprimir às nossas coisas o sopro da emoção nova e da inquietação criadora que brota do atual momento brasileiro e do momento que o mundo está vivendo. E dessa síntese poderá surgir, algum dia, a expressão original da nossa personalidade.

